

Temporalidade estagnada: uma análise das dinâmicas temporais do século XXI a partir de Mark Fisher, Franco Berardi e Jonathan Crary

Rafael Saldanha

RESUMO:

O presente artigo procura elaborar um diagnóstico da nossa situação presente a partir de três pensadores: Mark Fisher, Franco 'Bifo' Berardi e Jonathan Crary. É nossa hipótese que esses três autores, cada um a sua maneira, compõem um quadro que ajuda a entender uma sensação de estagnação que imperaria no capitalismo contemporâneo — e que será denominado por Fisher de *realismo capitalista*. No pensamento de Fisher vemos uma análise da sensação de estagnação que se extrai da análise da atmosfera do âmbito cultural. Na obra de Bifo Berardi, encontraremos uma análise de como a nossa subjetividade é afetada pelas demandas do capitalismo contemporâneo e acabam gerando um sujeito esgotado. Por fim, Crary nos permitirá ver toda a rede técnica que compõe e intensifica a sensação de estagnação. A partir do diagnóstico desses autores, podemos falar de uma sensação de estagnação no tempo. O que se encontra comprometido não é, porém, a capacidade de mudança e de transformação política. O que esses autores circunscrevem é justamente uma sensação de que a nossa capacidade de *aspirar alguma transformação* se encontraria bloqueada.

Palavras-chave: Mark Fisher; Franco Berardi; Jonathan Crary; Tempo; Estagnação

ABSTRACT:

This article seeks to make a diagnosis of our present situation from three thinkers: Mark Fisher, Franco 'Bifo' Berardi and Jonathan Crary. It is our hypothesis that these three authors, each in his own way, compose a picture that helps to understand a sense of stagnation that would prevail in contemporary capitalism - and which Fisher will call capitalist realism. In Fisher's thought we see an analysis of the sensation of stagnation that is extracted from the analysis of the atmosphere of the cultural realm. In Bifo Berardi's work we find an analysis of how our subjectivity is affected by the demands of contemporary capitalism and ends up generating an exhausted subject. Finally, Crary will allow us to see the entire technical network that composes and intensifies the sense of stagnation. From the diagnosis of these authors, we can speak of a sensation of stagnation in time. What is compromised is not, however, the capacity for change and political transformation. What these authors circumscribe is precisely a sensation that our capacity to aspire to some transformation would be blocked.

Key words: Mark Fisher; Franco Berardi; Jonathan Crary; Time; Stagnation

Zenão nega o movimento quando diz: “Um corpo que se move não se move nem no lugar em que está, nem no lugar em que não está.”

Diôgenes Laêrtios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*

Não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do século XIX pode colher a sua poesia. (...) A revolução do século XIX precisa deixar que os mortos enterrem os seus mortos.

Karl Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*

Zenão parece ter vencido. Não que o movimento físico não exista, ou seja uma ilusão. Sobre esse ponto não temos dúvida de que o debate foi vencido tão logo Diógenes, o cão, saiu andando da discussão. Mas há um outro sentido para se dizer que Zenão venceu. Consideremos o terceiro dos paradoxos de Zenão, o da flecha: segundo o filósofo, se imaginamos uma flecha que está voando, em qualquer instante — i.e. qualquer recorte do seu movimento — que imaginamos essa flecha, ela sempre ocupará um mesmo espaço específico. O que se quer dizer com isso é que a flecha a cada instante não pode ocupar qualquer outro espaço fora o que ela está ocupando em dado momento: em cada *instante* a flecha está, evidentemente, *imóvel*. O mesmo seria válido para cada um dos outros instantes que compõem o tempo que a flecha viaja; em nenhum desses instantes a flecha efetivamente se move. Caso consideremos esse movimento da flecha como composto por infinitos instantes, pode-se então tomar no aspecto paradoxal do experimento mental de Zenão: em nenhum instante do seu voo a flecha efetivamente se move, já que a cada instante ela está sempre parada. Como já disse, não nos interessa aqui prendermo-nos no aspecto físico do paradoxo, mas em um certo *ethos* que parecemos estar habitando hoje em dia.¹ Quando digo que Zenão venceu o que quero dizer é que vivemos um momento em que simplesmente não conseguimos imaginar uma transformação da nossa realidade social, política, econômica e ecológica. Por mais que a soma de catástrofes que se acumula

¹ Os paradoxos de Zenão sobre movimento vão ter infinitas resoluções ao longo da história da filosofia, cabe aqui apenas indicar que para mim não se deve ler esse paradoxo como uma afronta ao movimento, mas sim à maneira como concebemos vulgarmente o tempo e o movimento. De Zenão nos chegaram apenas fragmentos via outros filósofos dos seus paradoxos, mas ainda assim, nos parece que o movimento operado é um que propriamente demonstra a incapacidade de certas concepções de tempo e movimento de lidar com o fenômeno efetivamente.

no horizonte (e mesmo no presente), ainda assim permanece a sensação de que somos como a flecha capturada pelo instante, incapazes de acreditar que passado o instante estaremos em outro ponto, que teremos nos movido.

*

Essa sensação de Zenão, a nossa condição, talvez não encontre melhor expressão que no pequeno livro de Mark Fisher, *Realismo capitalista*. Para Fisher, vivemos um momento em que impera um “sentimento disseminado de que o capitalismo não é apenas o único sistema político-econômico viável, mas também que é impossível sequer imaginar uma alternativa coerente a ele.” (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira) Vamos deixar em suspenso, por ora, o foco que Mark Fisher dá para a relação entre essa impotência da imaginação e o sistema capitalista global, pois por ora desejo me focar no fato de que, se as questões político-econômicas são determinantes para essa sensação de esgotamento, elas não dão conta de tudo o que está em jogo. Essa sensação também será descrita, retomando uma expressão de Franco Berardi, como um *lento cancelamento do futuro*. O que o autor quer dizer com isso se esclarece quando ele se põe a comentar uma série de ficção científica do final dos anos 70, *Sapphire and Steel*. Segundo Fisher, o nosso momento presente, o momento do cancelamento, se mostra na maneira como

a cultura do século XXI é marcada pelo mesmo tipo de anacronismo e inércia que atingiram Sapphire e Steel em sua última aventura. Mas essa paralisia foi enterrada, sepultada atrás de um delírio superficial da “novidade”, de movimento perpétuo. A “mistura do tempo”, a superposição de eras anteriores, deixou de ser digna de menção, ela é tão predominante que nem mais sequer é notada. (FISHER, 2014, tradução minha)

O que me interessa nesse diagnóstico é algo que encontraremos também em outros autores: a ideia de que passamos (ou estamos passando) por uma transformação do regime de temporalidade que condiciona as nossas experiências e práticas. Convergindo com esse diagnóstico, Paulo Arantes dirá em seu ensaio *O novo tempo do mundo* que vivemos em um tempo que não consegue se projetar para além de si próprio, “foi-se o horizonte do não experimentado.” (ARANTES, 2014, p. 96). Ou seja, o que tomamos disso é que não se trata de dizer que *nada mais acontecerá* —

a mais vulgar das leituras do *fim da história* —, mas que o regime temporal² que nos condiciona não dá bases para que nossas ações se orientem a partir de possíveis transformações da experiência atual:

o próprio campo de ação vai se encolhendo, e isso porque “já dispomos no presente de uma parte do futuro”. Digamos, não custa insistir, que cada vez mais *a conjuntura tende a se perenizar*. A inovação clássica do futuro, em nome da qual se legitimou a iniciativa política nos tempos modernos, não só perdeu sua força como deve ser rebatida sobre o presente. (FISHER, 2014, tradução minha)

Retornando ao Fisher, viveríamos um tempo em que a “impressão do desenvolvimento linear cedeu espaço para uma estranha simultaneidade.” (FISHER, 2014, tradução minha)³ O fato é que com certos desenvolvimentos tecnológicos tornou-se possível quase que apagar a distância entre passado e presente. O que se perde ao se apagar essa distância é justamente o “horizonte do não experimentado”, mencionado por Paulo Arantes.

Segundo o diagnóstico de Fisher, essa estagnação do novo regime temporal poderia ser observada a partir das mudanças que ocorrem na cultura pop na passagem do século XX para o XXI⁴. Antes seria possível distinguir cada época pela música que a dominava (independente de quantos “sons” fossem). Haveria uma historicidade imanente que permitiria que o desenvolvimento de novas formas/gêneros acabasse sempre localizando aquilo que havia sido feito antes em um passado — demarcando nesse movimento de localização temporal uma *distância* ou uma *passagem*. Essa novidade, inovação, que é aludida pelo autor não é, porém, nenhuma espécie de novo *ex nihilo*. É claro que há raízes históricas que conduzem a essa novidade, mas o aparecimento do novo tem a ver com a operação de uma demarcação entre um presente e um passado. A coisa fica mais clara se recorremos a um dos experimentos mentais que Mark Fisher repete inúmeras vezes:

Imagine qualquer disco lançado nos últimos anos sendo enviado de volta pro passado, digamos, 1995, e tocado na rádio. É difícil imaginar que eles produziram qualquer arrepio

² Chamamos aqui de regime temporal a maneira como uma certa concepção de tempo organiza e determina o horizonte de experiências e práticas de um certo momento histórico/espaco geográfico.

³ Essa estranha simultaneidade não deixa de se materializar no imenso domínio que a internet tem sobre as nossas vidas, ainda mais se pensarmos no fato de que nela encontraremos coisas produzidas nos mais diversos momentos disponíveis simultaneamente.

⁴ A importância para o autor está no fato de que “era por meio das mudanças na música popular que muitos daqueles que cresceram nos anos 60, 70 e 80 aprenderam a medir a passagem do tempo cultural.” (FISHER, 2014, tradução minha)

nos ouvintes. Por outro lado, o que chocaria os ouvintes seria a própria reconhecibilidade do som: teria mesmo a música mudado tão pouco nos últimos 17 anos? Contraste isso com a rápida transição entre estilos entre os anos 60 e 90: toque um disco de *jungle* de 1993 para alguém em 1989 e a coisa soaria como algo tão novo que isso obrigaria a pessoa a repensar o que música era ou poderia ser. (FISHER, 2014, tradução minha)

Ainda que se discorde da imagem e dos exemplos trazidos por Fisher, o que interessa é essa dificuldade de demarcar uma distância entre passado e presente. Esse “lento cancelamento do futuro” não é, como a própria expressão já indica, algo brusco, ele se dá de maneira crescente. Parafraseando Arantes, poderia-se dizer que o cancelamento é o próprio movimento de *perenização* do presente. É possível também relacionar esse cancelamento prolongado ao desenvolvimento e popularização de tecnologias de armazenamento — é como se tudo o que houve no passado pudesse ser trazido diante de nós *sem nenhum custo* [aparente]. Mas isso não é tudo. Caso contrário não haveria explicação para esse achatamento não ter ocorrido anteriormente. Sem sair do campo da música, tomemos o exemplo do grupo de música pop eletrônica Kraftwerk. Este grupo é um exemplo de uma prática musical que se apropria dos desenvolvimentos técnicos “para permitir que novas formas emerjam” (FISHER, 2014, tradução minha). Algo bem diferente do que encontramos atualmente, isto é, o uso dessas tecnologias para reafirmar o antigo, mas agora como familiar. Hoje “o modo nostálgico subordinou a tecnologia para a tarefa de renovar o antigo.” (FISHER, 2014, tradução minha) Se o (já antigo) projeto cultural modernista (em sentido amplo) poderia ser descrito como um movimento de experimentação formal, de exploração dos limites das formas,⁵

o realismo capitalista não mais encena esse tipo de confronto com o modernismo. Ao contrário, a derrota do modernismo é algo reconhecido: ele é agora algo que até pode ressurgir, periodicamente, mas apenas como um estilo estético cristalizado, nunca como um ideal de vida. (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira)

Isso não quer dizer que *nada de novo* tenha surgido nos últimos anos ou que possa vir a surgir no horizonte. Acredito que o que está em jogo nessa sensação do *fim da história* elaborada por Fisher é justamente o fim da história enquanto *sensação*. E é por isso que às vezes é tão difícil sair de descrições da ordem da impressão, que procuram avaliar o campo cultural a partir de uma experiência

⁵ “[o] modernismo possuía um potencial revolucionário em virtude de suas inovações formais”. (FISHER, 2014, tradução minha)

que não é objetivamente mapeável. Por conta disso, é preciso marcar que é óbvio que coisas novas surgiram. Não estamos dizendo que nada de novo estaria sendo criado. O que está em jogo não é uma estagnação objetiva, mas a sensação predominante seria de uma ordem da estagnação. Estagnação que por sua vez dificultaria a percepção de obras artísticas que conseguem fugir desse marasmo nostálgico que Fisher julga encontrar na cultura popular.

Esse cancelamento do futuro, como podemos ver, não aparece sozinho. Ele vem acompanhado de um crescimento da *nostalgia* como artefato cultural.⁶ Essa nostalgia parece indicar, inclusive, o mesmo *achatamento* do horizonte de expectativas que vimos Arantes mencionar. É a repetição do mesmo que acontece quando somos incapazes de ir para além da experiência presente — ou o futuro como um giro em falso. A nostalgia não é, portanto, simplesmente uma “moda”, um “novo estilo”. Se a nostalgia tem um papel nesse *cancelamento do futuro* é por orientar as suas criações a partir de um olhar para o passado e uma substituição da “experimentação” (que procuraria ir em direção ao “não experimentado”) por uma “recombinação”. A revolução volta a tirar a sua poesia do passado — mas a que custo? Fisher especulará sobre as razões desse giro; ele se perguntará se isso não é uma busca por um pouco de facilidade e familiaridade diante tanto de uma aceleração promovida pelo avanço das tecnologias de comunicação como das destruições que um capitalismo neoliberal provocou ao dissolver antigas relações de trabalho razoavelmente estáveis (mais estáveis que agora). Não nos interessa ainda encaminhar para esse ponto, como dissemos. Ainda é preciso explorar um pouco mais essa ausência de futuro. Mas o que é importante extrair dessas análises de Fisher é justamente a maneira como o senso de estagnação e esgotamento permeia que todas as esferas sociais aparece para nós por meio da proliferação da nostalgia e da recombinação.

Mas não se trata de uma simples sensação. Ou melhor, a própria sensação dessa “estranha simultaneidade” parece ser o surgimento de um novo regime temporal. Podemos inclusive dizer que

⁶ Por exemplo, o apelo que as franquias vêm ganhando, como “Velozes e furiosos”, que está em seu oitavo filme, ou mesmo o retorno da saga “Guerra nas estrelas” e seu sucesso comercial estrondoso. Outro ponto a ser considerado é a maneira como a internet possibilitou que tivéssemos acesso fácil (lícita ou ilícitamente) a um (quase) infinito fundo de catálogo (ou seja, tudo aquilo que não é um lançamento). Toda a história do cinema, da literatura, musical, dos jogos de videogame estão acessíveis de uma forma nunca antes experimentadas. Há certamente algo a se desenvolver sobre a relação entre o acesso fácil ao fundo de catálogo e o crescimento da nostalgia. Temos ainda um fenômeno ainda mais recente que são as séries de televisão que são produzidas que sob medida para esses tempos nostálgicos, como *Stranger things*, que se constrói quase que exclusivamente com base em referências a uma certa atmosfera presente em filmes dos anos 80. Se dizemos que são feitas sob medidas isso não é metáfora. Embora isso nunca seja dito explicitamente, é sabido que a quantidade de metadados que empresas como Netflix (a empresa que lançou o *Stranger things*) possuem dos hábitos dos seus clientes permite que elas escolham produzir programas que se adequem aos gostos dos clientes.

“realismo capitalista” é o nome que ele dá a esse novo tempo do mundo; uma temporalidade cuja força

deriva em parte da maneira pela qual ele subsume e consome toda a história anterior: trata-se de um efeito do “sistema de equivalências” capaz de transformar todos os objetos da cultura—sejam eles a iconografia religiosa, a pornografia ou o *Das Kapital*—em valor monetário. (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira)

Desde Marx e seus herdeiros conseguimos enxergar o processo de equivalência operado pelo capital em que tudo o que é produzido é tomado primariamente em termos de valor de troca, que “tudo tenha o seu preço”. O que Fisher fala é um pouco diferente, pois a equivalência que ele descreve ocorreu em um momento mais recente. A diferença entre essas equivalências está justamente na “simultaneidade” — é a maneira como todo o passado vai se tornando *cada vez mais simultâneo ao presente a um ponto de indistinção*, como na reação que Fisher tem ao escutar uma certa música de Amy Winehouse:

Eu escutei pela primeira vez a versão de Amy Winehouse de “Valerie” enquanto andava por um shopping center, talvez o local mais apropriado para consumi-la. Até então eu acreditava que “Valerie” tinha sido gravada pelo indie fleumático [plodders] *The Zutons*. Mas, por um instante, o som antiquado de *soul* dos anos 60 e os vocais (que numa escuta sem atenção eu não reconheci inicialmente como de Winehouse) me fizeram revisar temporariamente essa crença: certamente a faixa de *The Zutons* da música era um *cover dessa* faixa aparentemente mais “antiga”, que eu não tinha escutado até agora? Naturalmente não demorou muito tempo para perceber que o “som de *soul* dos anos 60” era na verdade uma simulação; isso era de fato um *cover* da faixa de *The Zutons*, feita num estilo retro acelerado, que era justamente a especialidade do produtor da faixa, Mark Ronson. (FISHER, 2014, tradução minha)

Essa nova temporalidade não se restringe ao âmbito cultural. É possível seguir seus rastros em diversos recortes. É por isso que Fisher descreve o realismo capitalista, o novo tempo do mundo, como uma atmosfera:

O realismo capitalista, tal como eu entendo, não pode ser confinado às artes ou ao modo de funcionamento quase-propagandístico da publicidade. Ele funciona mais como uma atmosfera penetrante, condicionando não apenas a produção da cultura, mas a regulação do

trabalho e da educação, agindo como uma espécie de barreira que constrange pensamento e ação. (FISHER, 2009, tradução minha)

Ele é um *regime temporal* na medida em que há um condicionamento da maneira como experimentamos e nos orientamos com relação ao tempo. No caso presente, trata-se de uma relação que se pauta por uma espécie de anacronismo, promovido pela simultaneidade entre passado e presente, mas também um esgotamento que não nos permite olhar para frente. Ao nos instalarmos nessa “estranha simultaneidade” o que acabou sendo destruído é a própria experiência da *passagem do tempo*. Sem essa passagem, e com olhos para os infinitos arquivos do passado que agora dispomos, não temos mais nenhum critério para diferenciar o tempo, não podemos mais *demarcar* o passado do presente e, por consequência, do futuro. Estamos capturados pelo ponto de vista do instante de Zenão, daí a incapacidade de imaginar.

Podemos desdobrar essa impotência da imaginação para além das artes. No âmbito político, muita tinta já foi gasta sobre como o fim da URSS fechou um ciclo de sonhos e promessas de transformação social para a esquerda. O próprio Paulo Arantes descreve em detalhes (ARANTES, 2014) a maneira como o que vivemos hoje é o surgimento de uma *era da emergência* onde, dadas as condições crescentes da nossa impotência (diante da força policial dos estados, de bombas atômicas, da crise ecológica), importa para uma esquerda cada vez mais numerosa poder *salvar qualquer um* que consigamos salvar – desde que alguém seja salvo. É possível se perguntar se grande parte das nossas demandas políticas recentes não se encaixam nessa categoria. Se as causas são evidentemente justas, é importante destacar que grande parte das pautas que elas exprimem são sempre “emergenciais” (no termo de Arantes) ou simplesmente negativas. Elas não procuram impor qualquer projeto positivo, mas simplesmente fazer o governo recuar em medidas ou cortes, ou mesmo retirar o presidente do poder. A maneira como tem sido conduzido esse novo ciclo de protestos nos induz a pensar que talvez não haja mais espaço para *imaginar* uma transformação política positiva — a tentativa de realização de uma política em que a população é agente parcial dessas transformações. A derrocada atual do PT traz uma pergunta complementar: será que a sua trajetória desde que assumiu o governo em 2003, se afastando dos movimentos de base e entretendo relações cada vez mais promíscuas com as oligarquias (agropecuárias, industriais ou comerciais), não encena o movimento

de cancelamento lento do futuro para a população?⁷ Hoje em dia parece inimaginável que se comece um novo movimento social que tenha em mente “o horizonte do não experimentado” — uma utopia — e que alcance as dimensões que o PT conquistou.⁸ Não estou aqui dizendo que isso tudo é realmente impossível, mas é a própria dificuldade de imaginar, de achar irreal demais, que já assinala a nossa submissão ao *realismo capitalista*. Fisher parece bem certo sobre esse ponto quando diz que

o assim chamado movimento anticapitalista já parecia ter cedido terreno demais ao realismo capitalista. Tendo se mostrado incapaz de apresentar ao capitalismo uma alternativa de modelo político-econômico coerente, cresceu a suspeita de que talvez o objetivo não fosse mais superar o capitalismo, mas apenas mitigar seus excessos; e, considerando que formalmente as atividades desses movimentos privilegiavam o protesto, em detrimento da organização política, havia a sensação de que o movimento anticapitalista consistia numa série de demandas históricas, sem esperança da sua realização. (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira)

Sem imaginação, ao ponto de reprimirmos a imaginação que tínhamos ontem. Esse esgotamento de horizonte é a uma espécie de dominação social que é exercida no regime temporal atual. É isso que quero dizer quando falo que o *realismo capitalista* de Fisher é um regime temporal. Não se trata de “relações específicas”, de “pautas próprias”, mas de um certo domínio sobre a própria temporalidade. De modo que

os limites do capitalismo não são fixados de saída, mas definidos (e redefinidos) pragmaticamente e improvisadamente. Isso faz do capitalismo algo muito parecido com *A Coisa* no filme homônimo de John Carpenter: uma entidade monstruosa e infinitamente plástica, capaz de metabolizar e absorver qualquer coisa que entre em contato com ele. (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira)

Por conta disso não faz a menor diferença apenas *decifrar* os enigmas envolvidos na dominação nesse regime temporal. A dominação não se exerce por uma crença ou por um

⁷ Claro, o PT teve inúmeras conquistas, mas é sempre bom lembrar que parte dessas conquistas se deram em convergência com interesses das oligarquias dominantes do país, que nunca saíram do poder. Cf. SAFATLE, 2017.

⁸ Não se trata de repetir a fórmula do PT, mas conseguir construir uma máquina política com a capacidade de gerar efeitos que mobilizem os afetos do socius — como foi junho de 2013, por um breve momento.

convencimento (embora não poucos certamente se veem como convencidos da eficiência “racional” dos ciclos do Capital) que bastaria encontrar para poder desfazê-la (fazendo com que as dominações sumissem magicamente). Não somos Édipo diante da Esfinge⁹. Como escreve Fisher,

o papel da ideologia capitalista não é fazer defesa explícita de nada, como a propaganda faz, mas esconder o fato de que as operações do capital não dependem de nenhum tipo de subjetividade ou crença. Era impossível conceber o fascismo ou o Stalinismo sem propaganda—mas o capitalismo pode funcionar perfeitamente bem sem ela, em muitos sentidos, funciona até melhor quando não tem ninguém tentando defendê-lo abertamente. (FISHER, 2009, tradução de Maikel da Silveira)

A dominação acontece, portanto, no nível das submissões impostas e dos hábitos forçados, é algo que se dá num nível material — e que produz como efeito essa sensação de Zenão, esgotamento, cancelamento de futuro. As relações de trabalho a que somos submetidos, o fantasma de uma crise climática sem proporções e inclusive a maneira como somos capturados por certos desenvolvimentos tecnológicos que criam ou modificam nossos hábitos. É nesse jogo que a nossa relação com um porvir é capturada.

*

Se encontramos em Fisher uma boa descrição dessa atmosfera em que vivemos atualmente ao investigar os efeitos desse novo tempo na nossa incapacidade de imaginar, podemos encontrar na obra de Franco ‘Bifo’ Berardi uma análise das condições materiais dessa mutação. Ambos partem da mesma experiência de desgaste e esgotamento: “A ausência de movimento é visível hoje em dia, ao fim da década zero zero: a ausência de uma cultura ativa, a ausência de uma esfera pública, o vazio da imaginação coletiva, paralisia do processo de subjetivação. O caminho para a consciência coletiva parece obstruído.” (BERARDI, 2011, tradução minha) Mas ao contrário do autor de *Realismo capitalista*, encontramos em Bifo a tentativa de acompanhar os efeitos dessa transformação no nível do corpo. É por isso que o autor dirá que

⁹ E sabemos como isso terminou...

quando digo “futuro”, não estou me referindo a uma direção do tempo. Estou pensando, antes, na percepção psicológica, que emergiu na situação cultural da modernidade progressiva, as expectativas culturais que foram fabricadas durante o longo período da civilização moderna, chegando ao seu auge nos anos após a Segunda Guerra Mundial. (BERARDI, 2011, tradução minha)

Essa experiência específica da expectativa (ou sua ausência) não pode ser tomada como algo desligado da composição dos nossos corpos. O que Bifo nos aponta é que o corpo também é condicionado pelo regime temporal que predomina e tem as suas capacidades delimitadas e alteradas pela maneira como se organizam os ritmos temporais. É ele que se cansa, é ele que se agita, é ele que aumenta a sua velocidade até um ponto que quebra e não consegue mais se mover — e os ritmos do corpo são sempre determinados junto aos ritmos do seu contexto, tendo sempre que prestar contas a exigências sociais (mas também ecológicas). Para tomar emprestado um conceito de Reinhart Koselleck¹⁰, o *nosso tempo* (o tempo do corpo), está sempre em um jogo com outros *estratos de tempo* (das instituições burocráticas, das nações, da biosfera, do cosmos etc.) que não deixam de ter seus próprios ritmos. E é justamente nesse local que a investigação de Bifo nos permite descortinar mais esse *cancelamento do futuro* em que vivemos. Ao localizar a sua investigação em uma certa materialidade (o corpo), torna-se mais fácil procurar o que determina de tal ou tal maneira o corpo a ter essa ou aquela capacidade — quais são as coisas que afetam o corpo a poder agir ou não agir, a agir assim ou assado.

§ Um parênteses é necessário aqui, visto que não podemos mais adiar essa explicação. Se falamos que o regime temporal é condição, não estamos dizendo que ele se confunde absolutamente com os movimentos materiais. A temporalidade (que não tomamos como fixa, eterna) que se investiga aqui são os limites imanentes dos fluxos materiais em uma determinada instância e não os próprios fluxos. O que ocorre, antes, é que o fio material nos ajuda apontar para temporalidade visto que todo ente material sempre opera já sob certas condições.

É com isso em mente que podemos entender o que Bifo diz quando fala que o “futuro” tem uma relação com a cultura: “o futuro não é uma dimensão natural da mente. Ela [a mente] é uma modalidade de projeção e imaginação, um elemento da expectativa e da atenção e as suas modalidades

¹⁰ Cf. KOSELLECK, 2014, pp. 19-25.

e características mudam de acordo com a transformação das culturas.” (BERARDI, 2011, tradução minha) No nosso caso atual, a destruição do regime temporal que tem um futuro (o regime da modernidade) tem a ver com um movimento de *colonização do tempo*.

Ao longo do século vinte, a velocidade da máquina realizou a colonização do espaço global; isso foi seguido pela colonização do domínio do tempo, da mente e da percepção, que acabou por fazer com que o futuro entrasse em colapso. O colapso do futuro está enraizado na aceleração dos ritmos psíquico e cognitivo. (BERARDI, 2011, tradução minha)

Essa colonização do tempo se dá por meio do aumento e da aceleração dos fluxos de informações a que somos submetidos. Não estamos muito longe aqui da maneira como Mark Fisher identifica a ausência de futuro a partir de uma disponibilidade incalculável do passado. Mas não é apenas o “futuro” que é colonizado. Essa colonização aponta para uma “transição, uma mutação do organismo consciente [que] está acontecendo: para fazer com que o organismo se torne compatível com um ambiente *conectivo*, o nosso sistema cognitivo precisa ser reformatado.” (BERARDI, 2011, tradução minha) O processo descrito não é um em que somos agentes da nossa própria transformação. É como se nós fossemos obrigados a nos transformar para poder dar conta do novo “ambiente conectivo” que nos cerca. “O cybertempo, a habilidade social de processar informação no tempo, é orgânico, cultural e emocional, logo, é tudo menos ilimitado. Submetida à aceleração infinita dos estímulos informacionais [*infostimuli*] a mente reage ou com pânico ou dessensibilização.” (BERARDI, 2011, tradução minha) O homem, nesse sentido, está *correndo atrás* do desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e nesse processo tendo que transformar a sua própria maneira de lidar com ela. Falaremos um pouco mais sobre esses processo a frente, mas antes vamos acompanhar Bifo na maneira como ele descreve essa transformação.

Segundo ele, o que está ocorrendo é uma “transição da esfera da *conjunção* para uma da *conexão*” (BERARDI, 2011, tradução minha). A esfera da *conjunção* teria a ver com a capacidade de devir-outro [*becoming-other*], de termos as nossas vidas transformadas a partir do contato com outros corpos, de poder ter, como já falamos, uma demarcação da passagem do tempo. “Em contraste, na *conexão* cada elemento permanece distinto e opera apenas funcionalmente. Singularidades mudam quando elas se juntam [*conjoin*]; elas se tornam outra coisa, diferente do que eram antes da sua *conjunção*.” (BERARDI, 2011, tradução minha) O que se corre o risco de perder nessa transformação

é uma “faculdade da sensibilidade”: “é a faculdade que torna possível o conhecimento empático, é a habilidade de compreender o que palavras não podem dizer, o poder de interpretar um continuum não-discreto de elementos, signos não-verbais e os fluxos de empatia.” (BERARDI, 2011, tradução minha)

Isso pois nesse novo tempo “essa faculdade se revela inútil e até prejudicial num sistema conectivo integrado. A sensibilidade desacelera processos de interpretação e os torna aleatórios e ambíguos, reduzindo assim a eficiência competitiva do agente semiótico” (BERARDI, 2011, tradução minha). O novo tipo de subjetividade que começa a se formar, e que vai deixando de lado a sua capacidade de *conjunção*, é uma de ordem mais “maquínica”. Como diz o autor,

antes de fusão de segmento, a conexão implica o simples efeito de uma funcionalidade maquínica. Para conectar, segmentos precisam ser linguisticamente compatíveis. Na verdade a própria rede da internet se espalha e expande ao progressivamente reduzir mais e mais elementos para um formato, um padrão e um código que faz com que compatibilize segmentos diferentes. (BERARDI, 2011, tradução minha)

O que resulta desse novo tipo de corpo e subjetividade seria “uma geração de seres humanos que não desenvolvem a faculdade da sensibilidade, a habilidade de compreender empaticamente o outro e decodificar signos que não estão codificados em um sistema binário.” (BERARDI, 2011, tradução minha) Essa falta de sensibilidade, de capacidade de *devir-outro*, deixa mais claro os reais efeitos desse novo tempo do mundo. O achatamento, a *equivalência dos códigos*, vai cada vez mais dificultando a possibilidade de operar transformações reais. Não surpreende que os sonhos que imperam no Vale do Silício tendem a se resumir no sonho de uma vida eterna digital. A imaginação foi a tal ponto destruída que a grande utopia de uma das classes mais poderosas do mundo é viver no reino da equivalência total onde nenhuma transformação efetiva é possível. É o sonho de viver na *nuvem*, em um tempo em que “a conjuntura tende a se perenizar”.

*

Mas como dissemos, não basta simplesmente descobrir o enigma da Esfinge. Pois a explosão da internet nos últimos quinze anos e a facilidade crescente de acesso aos *smartphones* significa que ainda que não tenhamos os “benefícios” da vida eterna tão sonhada pelos ogros do Vale, estamos colhendo desde já os efeitos negativos que a habitação prolongada de um mundo sem passado ou futuro provoca. As análises de Jonathan Crary sobre essa relação entre os desenvolvimentos tecnológicos e o presentismo em que nos inserimos são bem fecundas nesse sentido, e nos permitem enxergar a maneira como o desenvolvimento técnico que passamos nas últimas décadas compõem esse cenário de dessensibilização da passagem do tempo¹¹. Inclusive podemos, a partir de Crary, dar um outro nome para esse *novo tempo do mundo* que estamos tateando: 24/7¹² — é a “a inscrição geral da vida humana na duração sem descanso, definida por um princípio de funcionamento contínuo. É um tempo que não passa mais, para além das horas do relógio.” (CRARY, 2014, p. 18) O diagnóstico de Crary sobre o novo tempo do mundo é que

o que é novo é o amplo abandono da pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo prazo, inclusive a fantasias de “progresso” ou desenvolvimento. Um mundo 24/7 iluminado e sem sombras é a miragem capitalista final da pós-história, de um exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica.” (CRARY, 2014, p. 19)

As tecnologias mais recentes funcionam justamente por sua presença constante. Se a expressão 24/7 vem das redes comerciais que estão abertas a todo momento, elas casam perfeitamente com o tipo de disponibilidade que *smartphones* nos obrigam a ter. A todo momento conectados na internet, acabamos dissolvendo a última das fronteiras do tempo e permitindo uma equivalência geral entre todos os momentos. Quando até o momento do sono — que seria o tempo absolutamente improdutivo por excelência — se torna tão disponível quanto qualquer outro, vemos essa equivalência se concretizar (“sempre é hora de responder alguns emails”). E embora os celulares sejam a tecnologia mais representativa dessa disponibilidade do novo tempo, todos podem rapidamente se lembrar das ocasiões (cada vez menos raras) em que precisamos ligar para um *call center* para resolver algum problema *agora* — um agora que é *qualquer hora*. Nem mais nos surpreendemos quando acontece

¹¹ O que não significa, é preciso marcar, que esses desenvolvimentos sejam *causa* da situação atual.

¹² Impossível traduzir essa expressão. Ela deve ser lida “twenty-four-seven” para indicar o tempo em que certos comércios ficariam abertos, isto é, 24h por dia, 7 dias por semana — ou seja, sempre.

da nossa internet cair às 4h da manhã e podermos imediatamente ligar para a operadora para saber qual o problema. A surpresa é justamente quando não encontramos essa disponibilidade absoluta. Essa característica se torna ainda mais visível depois que a internet conseguiu permear as nossas vidas, pois as redes estão sempre em constante movimento. Seja pelos inúmeros fuso horários diferentes que se dissolvem em uma simultaneidade do acesso ou na modificação das rotinas que a organização do trabalho no capitalismo tardio provoca — não importa. O que conseguimos enxergar com mais clareza é que essa “estranha simultaneidade” não se restringe à internet. O que surge é “um mundo 24/7 é desencantado, sem sombras nem obscuridade ou temporalidades alternativas. É um mundo idêntico a si mesmo, um mundo com o mais superficial dos passados, e por isso sem espectros.” (CRARY, 2014, p. 29) Esse movimento de expansão da luz acaba, por sua vez, tendo um efeito ainda mais terrível, que é o de lentamente conceder um grau de realidade maior àquilo que nós podemos acessar imediatamente. Isso pois

a homogeneidade do presente é um efeito da luminosidade fraudulenta que pretende se estender a tudo e se antecipar a todo mistério ou ao desconhecido. Um mundo 24/7 produz uma equivalência aparente entre o que está imediatamente disponível, acessível ou utilizável e o que realmente existe. (CRARY, 2014, p. 29)

Aquilo que não consegue entrar nesse regime da disponibilidade tem a sua realidade comprometida na nossa experiência. Há um condicionamento dos nossos hábitos sendo realizado por essas tecnologias. Se antes, nos anos 2000, havia todo um apelo em buscar ativamente filmes, músicas, agora, com os serviços de *streaming* conquistando cada vez mais mercados, aos poucos começamos a ter preguiça de ir para além das fronteiras desses serviços. Vamos nos conformando a assistir essa série e não aquela (que realmente gostaríamos de ver), deixamos pra escutar aquele disco “em outro momento”, simplesmente por não serem oferecidos em tal ou tal serviço. Tudo aquilo que se posiciona fora da zona de disponibilidade se torna *menos real por ser menos acessível*.

Mas isso não é tudo. O nosso próprio corpo é colonizado por esses novos hábitos. Nós não conseguimos mais viver sem esses apetrechos apesar de poucos anos antes serem coisas que nem sequer imaginávamos serem possíveis. Um excelente exemplo disso é o caso do celular que temos ao lado das nossas camas. Se no meio da noite acabamos acordando, em muitas pessoas o primeiro impulso não é tentar continuar dormindo, mas “dar uma olhadinha” para ver se algo aconteceu na

internet enquanto estávamos fora. Esse pequeno gesto, porém, acaba muitas vezes atrapalhando o nosso sono e fazendo com que cada vez mais nos acostumemos a um sono intermitente, gerando uma espécie de insônia que é produzida por essas tecnologias.

As consequências disso, portanto, para um “horizonte do não experimentado” não poderiam ser menos catastróficas. Assim como Fisher e Bifo, Crary também irá encontrar esse *cancelamento lento do futuro* na relação que estabelecemos com o arquivo, pois, para ele, “estamos imersos em imagens e informações a respeito do passado e suas catástrofes recentes — mas também somos cada vez menos capazes de lidar com esses vestígios, de forma que nos permitiria superá-los em nome de um futuro compartilhado.” (CRARY, 2014, p. 44) Como Bifo elaborou, simplesmente não temos capacidade de *processar* essa quantidade de informações absurdas: “as imagens se tornaram um dos muitos elementos esvaziados e descartáveis que, por serem arquiváveis, não são jamais jogados fora, contribuindo para um presente cada vez mais congelado e sem futuro.” (CRARY, 2014, p. 44) Essa disponibilidade acaba contra-efetuando o futuro ao nos privar da capacidade de elaborar a passagem entre passado e presente. Ela faz desmoronar a possibilidade de uma transformação real e com isso o futuro se transforma em uma “simulação contínua do novo, enquanto as relações de poder e de controle existentes permanecem, na prática, as mesmas.” (CRARY, 2014, p. 49) O presente se constitui como uma promessa de liberdade pela disponibilidade que seria paulatinamente realizada pelo desenvolvimento tecnológico. O que temos, porém, é de um lado a extensão do presente devido “a perpetuação do mesmo exercício banal de consumo ininterrupto, isolamento social e impotência política, em vez de representar um ponto de virada historicamente relevante” (CRARY, 2014, p. 49) e, por outro, o cancelamento do futuro sendo produzido pelo “ritmo acelerado dessas mudanças aparentes” já que ele “elimina o sentimento de padrões temporais compartilhados que poderiam fundamentar a antecipação, ainda que nebulosa, de um futuro diferente da realidade contemporânea.” (CRARY, 2014, p. 50) A imaginação do futuro é convertida na “luta pelo ganho ou pela sobrevivência individual no mais superficial dos presentes.” (CRARY, 2014, p. 50)

O novo regime do tempo é um sistema de obstrução do futuro — “o encarceramento e o controle implacáveis do tempo e da experiência” (CRARY, 2014, p. 49) — em nome de uma abertura de um presente aparentemente livre. Um presente que promete escolhas agora, uma ampliação do presente por meio da disponibilidade que ele oferece, quando o que ocorre é, na verdade, a contínua

submissão¹³. “Na realidade, há uma uniformidade imposta e inescapável no nosso trabalho compulsório de autoadministração. A ilusão de escolha e autonomia é uma das bases desse sistema global de autorregulação.” (CRARY, 2014, p. 55)

*

O ponto de vista do instante, como podemos ver pelas análises precedentes, produz impotência, nos impede de operar transformações ao nos privar dos horizontes. Não é à toa que o tipo de sujeito que se produz a partir desse regime temporal tenda para uma certa apatia. É o que tiramos da descrição que Fisher faz de alguns dos seus alunos:

Muitos dos alunos adolescentes que cruzaram meu caminho pareciam estar em uma condição que eu chamaria de hedonia depressiva. A depressão é geralmente caracterizada por um estado de anedonia, mas a condição a que me refiro é constituída não tanto por uma incapacidade de obter prazer, mas por uma incapacidade de busca qualquer que não seja prazer. Há uma sensação de que “algo está faltando” (FISHER, 2009, tradução minha).

A quantidade de informação que temos disponibilizada é tão grande que nos sentimos forçados a percorrer o disponível de uma forma absolutamente mecânica (“maquinica”, nos termos de Bifo). Esses novos hábitos, porém, antes de serem libertadores — ao nos disponibilizar um *acesso* [quase] *ilimitado* —, acabam apenas *delimitando o nosso espaço de ação a uma estranha simultaneidade*. Tudo aquilo que não se apresenta imediatamente, que contém alguma espécie de

¹³ Como diz Crary: “esse fenômeno contemporâneo de aceleração não é simplesmente uma sucessão linear de inovações, na qual cada item obsoleto é substituído por um novo. Cada substituição é sempre acompanhada por um aumento exponencial do número de escolhas e opções disponíveis. É um processo contínuo de distensão e expansão, que ocorre simultaneamente em diferentes níveis e em diferentes lugares, um processo no qual há uma multiplicação das áreas de tempo e experiência que são anexadas a novas tarefas e demandas envolvendo máquinas. A lógica do deslocamento (ou obsolescência) é conjugada a uma ampliação e diversificação dos processos e fluxos aos quais o indivíduo se vincula efetivamente. Toda aparente novidade tecnológica é também uma dilatação qualitativa de acomodação e dependência a rotinas 24/7 ; também é parte de um aumento na quantidade de aspectos sob os quais um indivíduo é transformado em uma aplicação de novos sistemas e esquemas de controle.” (CRARY, 2014, p. 52)

dificuldade é “deixado para depois”, ou mesmo deixado de lado¹⁴. Ao “futuro” só resta aparecer como mera *repetição (extensão) do presente*, enquanto o “horizonte do não experimentado”, o porvir, como horizonte, é *eliminado*. O que sobra para sentir, nesse momento, em que nossa capacidade de *esperar* foi bloqueada, é, portanto, uma anestesiante e aflitiva sensação de estagnação.

A pergunta que surge dessas análises seria sobre como se orientar a partir dessa apatia. Será o caminho uma tentativa de reativar a potência do futuro e a sua capacidade de nos impulsionar ao longo do tempo? Ou será que há uma espécie de intensificação dessa apatia que pode nos libertar — ao auto-destruí-la — dessa articulação do tempo que nos sufoca? Não é possível responder essas questões no momento, pois qualquer resposta precisaria ainda fornecer uma elaboração pormenorizada de como se constitui historicamente essa sensação de estagnação que procuramos descrever neste artigo. Esperamos porém, que o presente artigo funcione como um ponto de partida para essa futura investigação.

REFERÊNCIAS:

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2014.

BERARDI, Franco. **After the future**. Oakland: AK Press, 2011. livro virtual.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FISHER, Mark. **Capitalist realism: is there no alternative?**. Winchester: O Books, 2009. livro virtual

¹⁴ Outro relato de Fisher sobre seus alunos nos parece interessante: “Peça para os alunos lerem mais do que algumas frases e muitos — e esses alunos são do tipo que tiram notas máximas — vão responder dizendo que não conseguem. A reclamação mais frequente que os professores escutam é que é entediante. Não é tanto o conteúdo do material escrito que está em questão aqui; é o próprio ato de leitura que é considerado “chato”. O que estamos nos deparando aqui não é a clássica sonolência adolescente, mas a incompatibilidade entre a “juventude” [“New Flesh”] “agitada demais para se concentrar” pós-letrada e a lógica confinante e aprisionante dos sistemas disciplinares que apodrecem. Estar entediado simplesmente significa estar removido da matriz comunicativa sensação-estímulo de mensagens de texto, YouTube e fast food; ter sido negado, por um momento, o fluxo constante da doce gratificação sob demanda. Alguns estudantes querem Nietzsche da mesma forma que querem um hambúrguer; eles não conseguem entender — e a lógica do sistema de consumo incentiva esse tipo de equívoco — que a indigestibilidade, a dificuldade é Nietzsche.” (FISHER, 2009, tradução minha)

FISHER, Mark. **The ghosts of my life**. Winchester: O Books, 2014. livro virtual.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Edição Três Estrelas, 2017.